14 BRAGANTEC
FEIRA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
17 a 19 de outubro de 2024 • Bragança Paulista / SP
feirabragantec.com.br

Análise do Desenvolvimento Linguístico nos Ensaios de Tolkien

Maria Luiza Gonçalves Leme

Trabalho apresentado na 14ª Feira de Ciência e Tecnologia BRAGANTEC.

Período de desenvolvimento do projeto: março 2024 a outubro 2024

Orientador:
Prof. Pedro Machado

Instituto Federal de São Paulo *campus* Bragança Paulista

Endereço: Av. Maj. Fernando Valle, 2013 - São Miguel, Bragança Paulista - SP, 12903-000

Bragança Paulista, 2024
SP – Brasil

RESUMO DO PROJETO

O projeto tem como objetivo principal mapear e organizar as línguas fictícias desenvolvidas por J.R.R. Tolkien, como o Élfico Primitivo, o Sindarin Antigo e o Sindarin, por meio de uma representação visual em forma de árvore genealógica linguística. Essa abordagem busca revelar as conexões e a evolução desses idiomas, mostrando de forma clara como se desdobram e se relacionam dentro do universo ficcional de Arda. Ao criar esse diagrama estruturado, é possível entender como essas línguas fictícias seguem princípios semelhantes aos de línguas naturais, refletindo mudanças fonológicas, gramaticais e influências culturais ao longo do tempo. A pesquisa evidencia o impressionante nível de autenticidade presente no trabalho de Tolkien, que, além de escritor, era também um filólogo de renome. Ele aplicou uma compreensão profunda da evolução das línguas à criação de seus idiomas fictícios, o que dá a esses sistemas linguísticos uma complexidade comparável à de línguas reais. Assim, cada língua em sua obra possui características únicas.

Através de poemas, músicas e narrativas, as línguas desempenham um papel crucial na preservação e transmissão das culturas dentro do mundo ficcional. Esse entendimento acrescenta novas camadas de profundidade às histórias de Tolkien, mostrando que sua construção de mundo não é apenas literária, mas profundamente enraizada em princípios linguísticos e culturais.

Além de enriquecer a apreciação das obras de Tolkien, o estudo contribui significativamente para a preservação de seu legado acadêmico. Dessa forma, o estudo facilita o acesso ao conhecimento sobre essas línguas, tornando-o acessível não apenas para acadêmicos e linguistas, mas também para fãs e leitores em geral. Ao tornar o estudo das línguas de Tolkien mais acessível e compreensível, o projeto também desempenha um papel importante na preservação da cultura e do conhecimento, algo que Tolkien valorizava profundamente. Ele acreditava no poder das palavras como meio de transmitir e preservar culturas, e esse projeto continua a promover essa visão, mantendo vivo o legado do autor. Assim, o estudo não apenas homenageia o trabalho de Tolkien, mas também inspira novas gerações a explorar o fascinante mundo das línguas, tanto reais quanto fictícias.

SUMÁRIO

RESUMO DO PROJETO	**2**
1. INTRODUÇÃO	**1**
2. OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DO PROJETO	**6**
3. DESENVOLVIMENTO	**6**
4. RESULTADOS	**8**
5. CONCLUSÕES	**10**
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	**11**
ANEXOS	**12**

1. INTRODUÇÃO

1.1 Sobre Tolkien e tolkienistas

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) foi um renomado professor universitário, filólogo e escritor britânico (Figura 1). Conhecido por suas obras como "O Senhor dos Anéis" e "O Hobbit", Tolkien deixou um legado marcante na literatura fantástica. Além de suas criações literárias, ele era fluente em 16 idiomas e criou mais 12 línguas fictícias. Como professor na área de filologia, Tolkien criava línguas e histórias como exemplo para seus alunos, e assim foi cultivando esse hábito de criar e inovar. Para Tolkien, a palavra era primordial, precedendo até mesmo a história. Ele começou a desenvolver seu "mundo secundário" durante este período, que mais tarde serviria de base para suas obras principais.

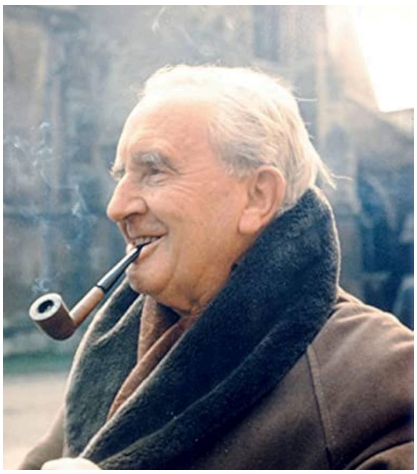

Figura 1: Fotografia de John Ronald Reuel Tolkien [FONTE: UOL]

Tolkien nutriu uma paixão pela criação de línguas, o que se reflete na complexidade e no detalhamento das línguas que criou. Ele desenvolveu diversas línguas para seus personagens e povos, buscando manter viva a conexão entre linguagem e cultura. Entre suas línguas mais elaboradas estão o Quenya e o Sindarin, que possuem gramáticas complexas e ricas estruturas fonéticas.

Além disso, Tolkien criou sistemas de escrita próprios, como os chamados *Angerthas* e *Tengwar,* para representar estas línguas em forma escrita. O exemplo destes sistemas de escrita podem ser observados na Figura 2. Seu legado linguístico não se limita apenas à criação de idiomas isolados; há um esforço notável para conectar essas línguas em um sistema coeso, estudando sua evolução gramatical, fonética e etimológica. Este trabalho contribui para a profundidade e autenticidade do universo ficcional que ele concebeu, deixando um impacto duradouro na literatura e na cultura popular.

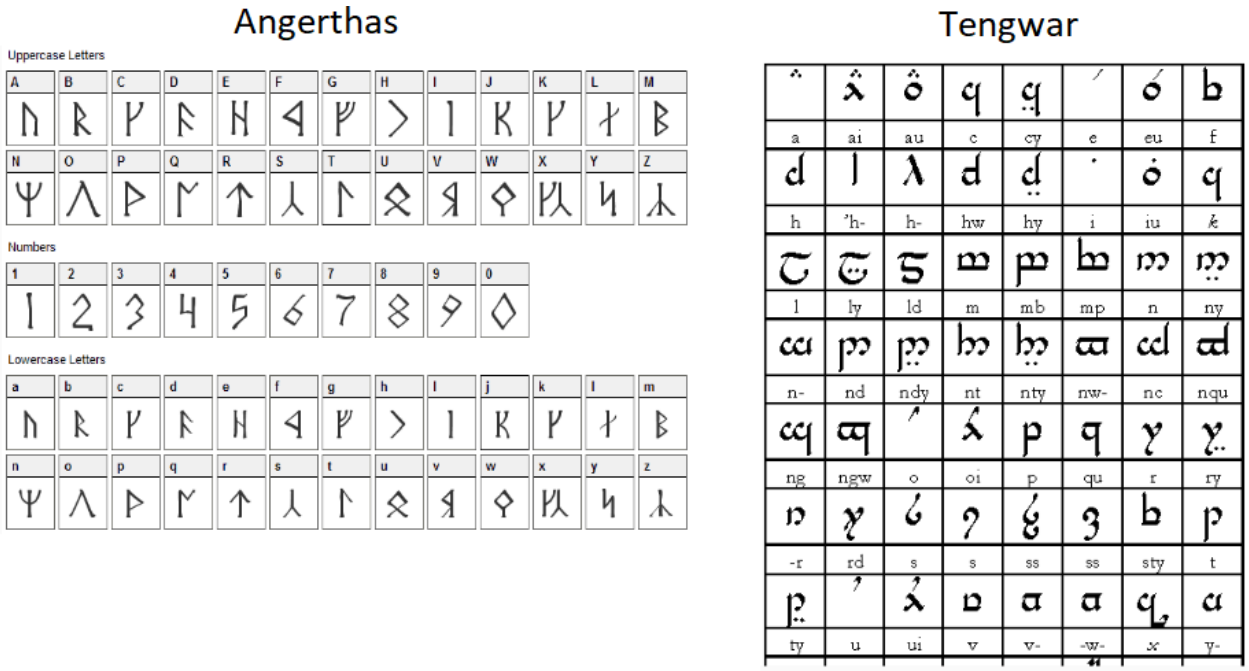

Figura 2: Exemplos de sistemas de escrita propostos por Tolkien: Angerthas e Tengwar

Os estudiosos e fãs dedicados ao estudo da obra de Tolkien se autodenominam "tolkienistas". Embora não haja uma definição formal, são reconhecidos por sua especialização no universo criado pelo autor. A produção criativa de Tolkien é amplamente estudada, mas os estudos linguísticos específicos sobre suas línguas fictícias geralmente são encontrados em fóruns e blogs especializados.

Um famoso Tolkienista é Tom Shippey, autor da obra “Author of the Century”. Durante esta obra o Shippey destaca pontos importantes para argumentar sobre a genialidade de Tolkien e como é possível trabalhar precisamente tantas línguas dentro de suas obras. Shippey discute como Tolkien usou seu conhecimento das línguas antigas e modernas para criar línguas fictícias e culturas complexas, enriquecendo a narrativa de suas histórias. O autor também considera as influências que Tolkien teve em outros escritores e na cultura popular, assim como o legado duradouro de suas obras. Em 2019 houve um evento em Birmingham chamado Tolkien 2019, onde estava presente Tom Shippey. No evento ele faz uma analogia com o autor Chrétien de Troyes, que, no século XII, não inventou o romance arturiano, mas explorou exaustivamente o potencial do gênero. Da mesma forma, Tolkien se destacou como o autor que mais aprofundou e desenvolveu as qualidades do romance de fantasia, criando um mundo imaginário com uma riqueza e profundidade literária excepcionais.

Outro renomado estudioso é o brasileiro Ronald Kyrmse, autor da obra Explicando Tolkien, que explora elementos como a mitologia, a linguagem, a moralidade e a relação de Tolkien com a natureza. Além de discutir a importância da fantasia na literatura. O autor também

examina a vida de Tolkien e como suas experiências moldaram suas narrativas. Kyrmse destaca a tridimensionalidade presente na obra que garante coerência e efeito de realidade às suas ficções. Isso é a principal qualidade que torna possível conferir profundidade em suas línguas.

Segundo Casagrande (2019), a fantasia é fundamental nas estórias de fadas e está profundamente conectada à linguagem e ao poder de atribuir novas qualidades às coisas por meio da imaginação. *"Ela contém em si uma "estranheza arrebatadora", que pode atrair ou assustar o leitor"* diz ela dissertando sobre para que servem as estórias de fadas. Ela opina que esse gênero traz recuperação, provoca o homem a olhar o mundo de maneira "mágica", instiga e recupera sua capacidade de imaginar. Também fala sobre escape e consolação, como uma forma de enfrentar a realidade do mundo material e racional, uma forma leve e simples de aliviar a mente da rotina. Esses são três pontos que ela cita, mencionados pelo próprio Tolkien, e explica durante seu artigo.

Oxford Times: "Os severamente práticos não terão tempo para ele. Os que possuem uma imaginação a ser estimulada serão completamente arrebatados, participarão da busca repleta de acontecimentos e lamentarão que haja apenas mais dois livros por vir" (2018, p. 300)

1.2. Áreas da linguística - Filologia

Filologia é o estudo aprofundado das línguas, suas origens, evoluções e estruturas, bem como das literaturas e documentos antigos relacionados a essas línguas. É uma disciplina que se dedica ao estudo das línguas e textos antigos, buscando compreender como as línguas evoluíram ao longo do tempo e como os textos foram transmitidos e preservados. Além de analisar a gramática e o vocabulário, também se ocupa da crítica textual e da reconstrução de textos que podem ter sido corrompidos ou fragmentados ao longo do tempo. Essa área de estudo se divide em várias especializações. A filologia histórica, por exemplo, examina a evolução das línguas ao longo dos séculos, rastreando mudanças na pronúncia, na forma das palavras e na estrutura das frases. Um exemplo clássico é o estudo da transformação do latim nas línguas românicas, como francês, espanhol e italiano. Outro exemplo, de utilização para o português, está no estudo das Cantigas de Santa Maria, do século XIII, escritas em galego-português (figura 3). Essas cantigas são importantes para os filólogos entenderem como o português evoluiu a partir dessa fase arcaica.

A linguística contrastiva é uma abordagem da linguística que se dedica à comparação sistemática de duas ou mais línguas para identificar semelhanças e diferenças em suas estruturas e usos. Essa análise pode envolver diversos aspectos linguísticos, como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, e busca entender como as línguas se relacionam e influenciam uma à outra. Uma das aplicações dessa área de estudo é analisar os tipos e resultados do contato linguístico. O contato linguístico ocorre quando falantes de diferentes línguas interagem de forma significativa, seja por migração, comércio, colonização, ou outros tipos de intercâmbio social. A linguística contrastiva ajuda a entender como essas interações influenciam as línguas envolvidas. No contexto de obras fictícias essa área é útil para identificar o parentesco e modo de evolução entre tais línguas.

Martim de Ginzo

A do mui bom parecer
mandou lo adufe tanger:
"Louçana, d'amores moir'eu".

A do mui bom semelhar
mandou lo adufe sonar;
"Louçana, d'amores moir'eu".

Mandou lo adufe tanger
e nom lhi davam lezer:
"Louçana, d'amores moir'eu".

Mandou lo adufe sonar
[e] nom lhi davam vagar:
"Louçana, d'amores moir'eu".

Figura 3: Exemplo de Cantiga por Martim de Ginzo [FONTE: https://cantigas.fcsh.unl.pt/]

1.3. Visão geral da Filologia nas obras de Tolkien

Tolkien, assim como alguns outros autores, desenvolveu línguas ficcionais para suas obras. Esse recurso tem como um dos objetivos induzir o leitor ou expectador à imersão no universo de cada obra, isso pode ser observado em *Star Trek* e *Avatar*, além das obras tolkienianas. O diferencial de Tolkien neste aspecto é o grau de desenvolvimento de seus idiomas, alguns são complexos de tal forma que podem ser usados para comunicação cotidiana. Além disso seu desenvolvimento é coerente, com derivações e parentesco entre as línguas. Esse trabalho é admirável já que ele criou muitas línguas para este universo (e muito mais ao longo da vida). Assim, manter ligações entre elas sem contradições é um trabalho sem dúvidas impecável.

Expressões em Na'vi de Avatar

Alfabeto Klingon em Star Trek

Figura 4: Exemplos de línguas ficcionais criadas em obras fantasiosas - Avatar e Star Trek [FONTE: Giz Brasil UOL e Instituto da Língua Klingon]

No fórum *Ardalambion* podem ser encontrados guias, dicionários, e aspectos das línguas criadas por Tolkien. O fórum foi escrito por Helge Fauskanger, um conhecido especialista em línguas construídas, particularmente no que se refere às línguas de Tolkien. Ele é autor de vários artigos e ensaios sobre as línguas de Tolkien, explorando aspectos como gramática, vocabulário e evolução linguística. É conhecido por suas análises meticulosas e por ajudar a esclarecer a complexidade das línguas. Fauskanger é uma figura central no estudo das línguas construídas, e seu trabalho ajudou a promover um maior entendimento e apreciação das línguas criadas tanto por Tolkien quanto por outros autores de ficção. Seu site, Ardalambion, continua a ser uma fonte valiosa de informações e um recurso importante para aqueles interessados.

O projeto se baseia nesse tipo de estudo, e pretende focar nos intermédios entre as línguas, estudar e conectá-las, suas semelhanças e diferenças. Isso é essencial para visualizar e compreender como esses idiomas evoluem e se relacionam dentro do contexto de seu extenso "mundo secundário" e destacar seu legado na construção de línguas. Cada idioma desenvolvido por ele apresenta características únicas, desde sistemas fonológicos complexos até estruturas gramaticais intricadas. O projeto busca mapear as relações entre essas línguas, como o Élfico Primitivo, o Sindarin Antigo e o Sindarin, para mostrar como elas evoluem e se inter-relacionam dentro do universo ficcional. Compreender esses aspectos não apenas enriquece a apreciação das obras de Tolkien como também contribui para o campo da linguística contrastiva, explorando como línguas fictícias podem ser desenvolvidas com um nível de detalhamento e autenticidade comparáveis aos idiomas naturais, assim oferecendo um recurso valioso para estudiosos e fãs interessados na interseção entre literatura e linguagem.

2. OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DO PROJETO

Um dos objetivos do projeto é estabelecer conexões claras, de forma visual, entre as diversas línguas criadas por Tolkien. Isso é essencial para visualizar e compreender como esses idiomas evoluem e se relacionam dentro do contexto de seu extenso "mundo secundário". Por meio de uma linha de tempo, colocando suas relações, pode-se criar um diagrama estruturado do tipo árvore linguística, assim é possível mapear a genealogia linguística, identificando quais línguas servem como antecessoras de outras, e como essas influências são refletidas na construção de culturas e sociedades fictícias. Cada idioma desenvolvido por ele apresenta características únicas, como sistemas fonológicos e estruturas gramaticais complexas. Compreender esses aspectos não apenas enriquece a apreciação das obras de Tolkien como também contribui para o campo da linguística contrastiva, explorando como línguas fictícias podem ser desenvolvidas com um nível de detalhamento e autenticidade comparáveis aos idiomas naturais.

Além disso, o projeto visa aumentar e facilitar o acesso a esse tipo de estudo, já que é possível explicar e demonstrar de maneira simplificada as línguas de Tolkien. Isso é interessante não apenas para fãs do Autor e suas obras, mas para estudiosos e aspirantes, vendo que tantos outros escritores tiveram feitos parecidos mas apenas Tolkien atingiu esse grau de detalhamento e complexidade. Explicando esses detalhes, que por muitos passam despercebidos, pode despertar um interesse para alguns, em relação aos estudos da língua, ou das obras. É de suma importância preservar o legado de um autor tão renomado como Tolkien, e provocar em mais pessoas o interesse pela ciência da língua. Assim também se preserva conhecimento e cultura, através da palavra, como Tolkien acreditava.

"O Volapuque, Esperanto, o Ido, o Novial, são línguas mortas, mais mortas do que antigas línguas sem uso, porque seus inventores jamais criaram lendas para acompanhá-las" - J.R.R. Tolkien, 1932.

3. DESENVOLVIMENTO

No universo de Arda, conforme descrito no Silmarillion, Tolkien estabelece que todas as línguas dos elfos têm uma origem comum. No Silmarillion capítulo 17, é mencionado que "como todas as línguas dos quendi tinham uma única origem, a língua de Bëor e seu povo lembrava o idioma élfico em muitas palavras e construções". Isso indica que, embora não falassem o mesmo idioma, todas as línguas derivam de uma única língua ancestral. Similarmente à relação entre o português e o espanhol, que são idiomas diferentes, porém devido ao seu grau de parentesco os falantes podem se entender em certo grau.

Quando os elfos despertaram, inicialmente falavam um único idioma. Com o passar do tempo, dialetos começaram a se desenvolver, eventualmente originando o Quenya e o Sindarin, enquanto a língua primitiva original foi esquecida. O desenvolvimento dessa língua é caracterizado em duas fases: o Quenderin Comum e o Eldarin Comum. No entanto, é desafiador separar os elementos lexicais específicos de cada grupo, levando à denominação geral de "Élfico Primitivo" para esse grande grupo linguístico.

O Élfico Primitivo, ou Proto élfico, não tem uma fonologia simples, embora seja menos complexa que as línguas posteriores. Possui cinco vogais principais: **a, e, i, o, u**, podendo ser curtas ou longas. As vogais longas são frequentemente marcadas com um acento agudo, e desempenham um papel importante na sonoridade da língua. Além disso, a língua apresenta vários ditongos, como **ai, au, ei**, e **eu**, que combinam sons fluidamente. Já as consoantes são organizadas em três categorias principais, baseadas em suas características sonoras:

- **Paradas sem voz**: p, t, k
- **Paradas aspiradas**: ph, th, kh (onde um som similar a um "h" é adicionado)
- **Paradas sonoras**: b, d, g

Além dessas, existem grupos nasais, como **mb, nd, ng**, que podem ser considerados como combinações de sons, e sonantes como **m, n, ñ**. A língua também inclui **s**, e sua variante sonora **z**, que aparece em situações pontuais.

Os agrupamentos de consoantes são uma característica importante da fonologia do Proto élfico. A maioria dos agrupamentos começa com a consoante **s**, formando combinações como **sj-, sk-, sm-**, entre outras. É interessante notar que certos grupos, como **kw**, podem ser interpretados como um único som labiovelar[1] em vez de uma combinação de sons.

A acentuação é variável e não segue regras fixas. Palavras podem ter a acentuação em diferentes sílabas (exceto a última), sendo comum que a primeira sílaba seja acentuada, mas não é uma regra absoluta. A presença de vogais longas não determina necessariamente a acentuação, algo que demonstra a complexidade da língua.

Inicialmente, é possível notar que todas as palavras terminam em vogais. Além disso, não eram permitidas combinações de duas vogais longas em sequência, e certos grupos consonantais não podiam aparecer no início das palavras, como **nt-**.

O Proto élfico apresenta uma estrutura gramatical complexa, destacando-se na utilização de sufixos. Existem três números: singular, dual e plural. O singular é a forma básica. O dual é formado pelo sufixo -û, utilizado para pares. O plural, normalmente indicado pelo sufixo -î. A formação verbal inclui sufixos como -jâ e -tâ. O passado é frequentemente marcado pela adição de um som gutural e pelo alongamento da vogal. Por exemplo, o passado de "Kwe" ("dizer") é "ekwê". A continuidade pode ser expressa pelo sufixo -â, formando formas como "mâtâ" (comendo). Esses aspectos revelam um sistema gramatical que antecipa estruturas posteriores em Quenya e Sindarin.

Já o Sindarin Antigo preserva melhor os sons do Élfico Primitivo do que o Sindarin posterior, mantendo vogais finais que mais tarde se perderam, embora algumas mudanças

[1] O som labiovelar é um fone consonantal produzido ao arredondar os lábios e elevar a parte posterior da língua em direção ao palato, esse som é compatível com “W” ou em palavras como “Quase”.

fonológicas tenham ocorrido. Por exemplo, *alkwâ* ("cisne") tornou-se *alpha* e *bélekâ* ("poderoso") tornou-se *beleka*. Certas vogais longas mudaram: *â* tornou-se *ó*, *ê* tornou-se *í* e *ô* tornou-se *ú*, embora nem sempre essas mudanças ocorram consistentemente. Em muitos casos, **t**, **p** e **k** tornaram-se **th**, **ph** e **kh** após outras consoantes como em **stankâ→ sthanka** ("fenda"). As consoantes oclusivas[2] não sonoras t, p e k tornaram-se sonoras d, b, g, quando seguidas por uma nasal **jatmâ → yadme** ("ponte"). Outro caso foi da lenição[3] de s para h após vogais, que ocorreu no Sindarin Antigo **barasa** ("quente") → **baraha.**

No Sindarin as mudanças acontecem de forma mais abrupta. Essa língua tem maior permissividade se comparada com o Quenya, especialmente em agrupamentos consonantais. No Sindarin, sons como ***ch*** , ***th*** e ***dh*** (como em *think* e *this*) são comuns. A letra "**c**" é sempre pronunciada como ***k***, e no fim das palavras, ***f*** soa como ***v***, e o ***r*** deve ser trinado.

O Sindarin possui seis vogais: ***a***, ***e, i, o, u*** e ***y*** . As vogais longas são marcadas com acento agudo, mas em monossílabos estressados, usam-se circunflexos. Os ditongos incluem ***ai***, ***ei***, ***ui, au, ae*** e ***oe*** (que pode ser escrito como ***aw***). O som ***oe*** às vezes representa uma versão com trema de *o* (*ö*), que mais tarde se fundiu com *e*.

4. RESULTADOS

- **Proto-élfico Comum:** A língua ancestral falada por todos os elfos após o seu despertar em Cuiviénen. Ela serviu de base para todas as línguas élficas subsequentes.
- **Avarin:** Línguas dos Avari, os elfos que se recusaram a seguir na Grande Jornada para Valinor. Suas línguas desenvolveram-se separadamente e são pouco conhecidas, com grande variação, pois os Avari permaneceram em várias regiões da Terra Média.
- **Telerin Antigo:** A língua dos elfos Teleri enquanto ainda estavam na Grande Jornada. Posteriormente se dividiria em várias línguas, conforme diferentes grupos se separassem.
- **Quenya:** Desenvolvido pelos elfos que chegaram a Valinor, os Vanyar e Noldor. O Quenya evoluiu em dois dialetos principais:
    - *Vanyarin Quenya:* A forma falada pelos Vanyar, que permaneceu mais conservadora.
    - *Noldorin Quenya:* A forma falada pelos Noldor, que passou por algumas mudanças, especialmente após o retorno dos Noldor à Terra Média.
- **Sindarin Antigo:** Forma intermediária entre o Proto Élfico e o Sindarin. Antecedendo mudanças concretas e significativas.
- **Sindarin:** A língua dos Sindar, ou elfos cinzentos, que nunca foram para Valinor. Desenvolveu-se como a principal língua falada pelos elfos na Terra Média.
    - *Doriathrin:* Uma variante do Sindarin falada em Doriath, o reino governado por Elu Thingol.

---

[2] *Os sons oclusivos são fonemas produzidos quando o ar que sai dos pulmões encontra um obstáculo, resultando numa explosão.*

[3] *A lenição é um processo que consiste na transformação de um som final oclusivo para uma forma mais fraca.*

- *Falathrin ou Falathren:* Língua falada pelos elfos da costa, os Falathrim, liderados por Círdan. Embora seja uma forma do Sindarin, possui particularidades devido ao isolamento no litoral.

- **Telerin:** Falado pelos Teleri que chegaram a Valinor e se estabeleceram em Alqualondë. Apesar de ser intimamente relacionado ao Quenya, o Telerin desenvolveu-se de maneira distinta.
  - *Nandorin:* Falado pelos Nandor, um ramo dos Teleri que não atravessou as Montanhas Nebulosas e permaneceu na Terra Média. Esta língua se desenvolveu de forma isolada do Quenya e Sindarin. Era falado pelos elfos verdes ou Laiquendi, mas seu uso foi diminuindo com o tempo.
    - Silvan (Silvan Elvish): Desenvolvido pelos elfos silvestres, descendentes dos Nandor, que habitavam as florestas de Lothlórien e Floresta das Trevas. Embora originalmente baseado no Nandorin, o Silvan foi fortemente influenciado pelo Sindarin e adotou muitas de suas características. Embora alguns elfos silvestres ainda falassem uma forma do Silvan, a maioria havia adotado o Sindarin como língua principal. O Silvan ainda sobreviveu em dialetos locais, mas sua influência foi menor do que a do Sindarin.

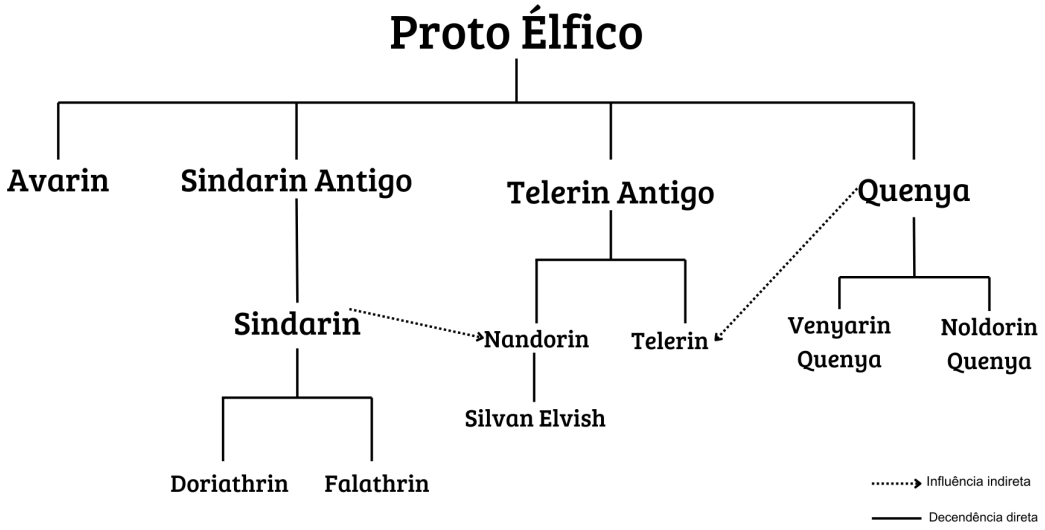

Figura 5: Mapeamento, em formato de árvore linguística, das línguas fictícias desenvolvidas por J.R.R. Tolkien [FONTE: Autoria própria]

Tabela 1: Exemplo de palavras em linguagens ficcionais de Tolkien e suas traduções

Primitive Elvish	Old Sindarin	Sindarin	Inglês	Português
Ledhbas	Lenn-mbass	Lembas	Waybread	Pão de viagem
Alkwâ	Alpha	Alph	Swan	Cisne
Ambar	ṃbart(ă)	Amarth	Fate	Destino
Jatmâ	Yadme	Iant	Bridge	Ponte
Stankâ	Sthanka	Criss	Cleft	Fenda
Bélekâ	Beleka	Beleg	Mighty	Poderoso
Magnâ	Magn	Moed	Skilled	Habilidoso

5. CONCLUSÕES

A conclusão geral da pesquisa evidencia o notável grau de profundidade e autenticidade presente em seu trabalho como autor e filólogo. Ao longo de sua obra, especialmente no universo de Arda, Tolkien desenvolveu um vasto sistema linguístico que reflete os princípios reais de evolução e variação das línguas. O estudo que organiza essas línguas fictícias em uma árvore genealógica torna visualmente claras as conexões entre elas, revelando como se desdobram e evoluem de acordo com o desenvolvimento histórico e cultural das sociedades às quais pertencem. Essa abordagem mostra que as línguas de Tolkien não são apenas criações superficiais, mas sim sistemas linguísticos detalhados com fonologias, gramáticas e vocabulários complexos. Ao adotar a perspectiva de linguista, Tolkien criou línguas que se comportam como línguas naturais, com variações internas e externas, mudanças sonoras e gramaticais, e com influências mútuas entre diferentes povos fictícios. Assim, ele aplicou uma ciência da linguagem em sua obra literária, algo que é raramente visto no campo da criação de mundos ficcionais.

O impacto da pesquisa vai além da análise linguística, já que também revela a relação íntima entre língua e cultura no mundo de Tolkien. Cada idioma criado reflete aspectos fundamentais das culturas dos povos que os falam, se mantendo vivos através de poemas, músicas, e histórias, reforçando a noção de que a linguagem é um dos principais elementos que moldam as identidades culturais. Ao entender como essas línguas evoluem e se relacionam com as culturas ficcionais, o estudo destaca a riqueza da construção do mundo tolkieniano, dando novas camadas de profundidade às suas histórias.

Além disso, o projeto contribui para a preservação do legado acadêmico de Tolkien, demonstrando que suas criações não são apenas literárias, mas também científicas, com relevância para o campo da linguística. Ao facilitar o acesso ao estudo dessas línguas, a pesquisa torna o campo mais acessível, não apenas para acadêmicos e linguistas, mas também para fãs e leitores em geral, despertando neles um possível interesse pela ciência da linguagem. Ao mesmo tempo reforça a importância da língua como um meio de preservar e transmitir cultura. Através desse estudo, o legado de Tolkien continua vivo, inspirando novas gerações a explorar e entender o poder das palavras no contexto das sociedades, sejam elas reais ou fictícias.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SHIPPEY, T. J. R. R. Tolkien: Author of the century. Londres, England: HarperCollins, 2022.
2. KYRMSE, Ronald Eduard. Explicando Tolkien. Brasil: WMF Martins Fontes, 2003.
3. CASAGRANDE, C. J.R.R. Tolkien: arte, teoria e literatura. Disponível em: <https://tolkienista.com/2020/08/28/j-r-r-tolkien-arte-teoria-e-literatura/>. Acesso em: 26 de ago. 2024.
4. FAUSKANGER, H. K. Of the Tongues of Arda, the invented world of J.R.R. Tolkien. Ardalambion, 1997. Disponível em: <https://ardalambion.net/>. Acesso em: 19 fev. 2024
5. TOLKIEN, J.r.r. The Silmarillion. UK: Del Rey Books, 1985.

ANEXOS

A Elbereth Gilthoniel
silivren penna míriel
o menel aglar elenath!
Na-chaered palan-díriel
o galadhremmin
ennorath,
Fanuilos, le linnathon

nef aear, sí nef aearon!

A Elbereth Gilthoniel
o menel palan-díriel,
le nallon sí di'nguruthos!
A tiro nin, Fanuilos!

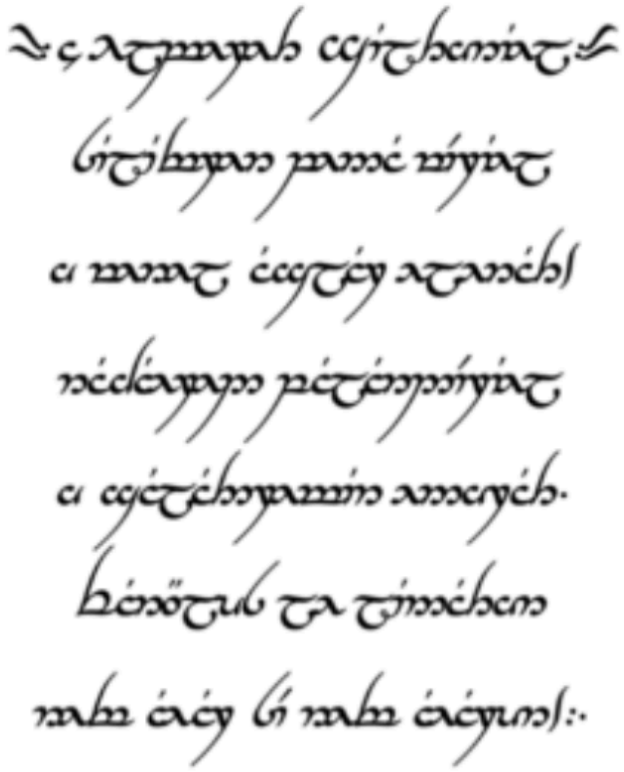

Figura A1: Poema "*A Elbereth Gilthoniel*" por J.R.R. Tolkien, em Sindarin